

# “Como é que eu faço para controlar isso?”

Luiz Felipe Monteiro

O ônibus mal acabara de partir do ponto e logo ali, despretensiosamente, algo dava indícios de sua presença. Sentado sozinho, olhava a paisagem através dos vidros que não refletiam nenhum torso de mulher que lhe chamasse a atenção. Não sabia dizer o que era, mas algo do balanço da maquinaria ambulante suscitava-lhe certo descompasso em seu próprio corpo. “Não é possível que sejam esses buracos por onde o ônibus passa que estão me fazendo ficar assim?!”

A inusitada companheira de viagem chegou sem dar motivos, o que para a cabeça viril do jovem passageiro não fazia muito sentido. “Mas eu nem estava pensando em nada...”. Os cadernos lhe serviram de certo anteparo para o membro que torcia levemente sua imagem de corpo público. A possibilidade de o outro ver a rigidez vindoura lhe causava um embaraço que lembrava, vagamente, os sonhos onde aparecia nu em plena rua. Passado o primeiro tempo da surpresa e tendo feito seu arranjo entre os cadernos, relaxou. Não bastou muito tempo, veio a lembrança da vizinha perfeita subindo as escadas do mesmo ônibus.

Se no primeiro momento foi surpreendido; ao cabo, era na fantasia onde fazia o outro se surpreender. Depois do famoso embate de “mim contra mim mesmo”, foi dormir. No dia seguinte a sua cueca denunciava a presença insuspeita de algo em seu corpo que insistia em lhe atravessar. A umidade matutina por mais que lhe viesse com um gosto de prazer, vinham também com uma questão: “como é que eu faço para controlar isso?”.

A contingência erétil típica do jovem homem que passou dos seus dez anos é um mote interessante para pensar sobre o modo masculino de se virar com algo do gozo que extrapola a imagem estabilizada do corpo próprio e localiza-se em grande medida no objeto da fantasia. Trata-se aqui do gozo fálico como um gozo fora do corpo, tal como Lacan<sup>1</sup> assinala em A Terceira: *“Es cosa que vemos todos los dias, gente que nos cuenta que recordará siempre su primera masturbación, que eso revienta la pantalla. Es fácil entender por que revienta la pantalla, es porque, en efecto, no viene del interior de la pantalla”*.

A ereção imprevista e a ejaculação inoportuna ilustram bem como o gozo para um homem é como uma onda nem sempre fácil de surfar. As desventuras dos homens com tais flutuações que estão para além do que pensam desde o Eu, tem na adolescência um acento um pouco mais intenso, tendo em vista que a fantasia muitas vezes ainda está em formação e que as ondas vem de um mar revolto.

Por mais que a fantasia nunca tenha para o falasser uma estabilidade garantida, ela é que confere um enquadramento possível ao desejo, especialmente nos homens em sua vertente fetichista. A configuração mais ou menos estável de uma fantasia se faz concomitante a certo domínio sempre provisório sobre os tempos, lugares e circunstâncias da ereção e seu produto final. Por mais que o um homem tente acompanhar a onda de gozo que lhe vêm, surfar sobre ela tem sempre um caráter provisório – o equilíbrio na prancha está por um fio. Levar um caldo é sempre um risco e isto aponta para a angústia implicada quando um homem assente em seguir com o seu desejo.

A menção ao equilíbrio instável conferido pela fantasia ao desejo indica que ela é uma defesa

1

LACAN, J. “La tercera” (1974). In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manatíal, 1993, p. 91

contra uma angústia sem forma. Como se a fantasia, pudessem localizar o que há de difuso no gozo como tal – o gozo feminino.

O relato do jovem passageiro traduz em parte como a onda de gozo que lhe vem é por um instante, vivido como invasão, e muitas vezes como motivo de vergonha e irritação. São signos de angústia. Não é incomum que a poluição noturna tenha um caráter humilhante e por isso mesmo pede por uma vingança. Uma ereção ou ejaculação sem causa aparente é vivida como uma afronta ao Eu de um homem (a falta de ereção e a ejaculação fora do tempo esperado vão no mesmo sentido). Um efeito sem causa é um impasse. Como se o pênis ereto precisasse ter sempre uma razão para justificar tal investida. A fantasia vem para criar uma cena que possibilite justificar aquilo que não tem justificativa e aparece de surpresa - ela é a vingança.

Não é gratuito, portanto que na fantasia masculina seja tão presente a figura da mulher-falo. Ela que atrai é também aquela que receberá o troco por tê-lo perturbado. A pulsão escópica tem aí o seu terreno mais fértil. Cada um com o fetiche que lhe cabe, busca através do olhar, a cota de gozo muito bem localizada nas curvas femininas. O enquadre do olhar a serviço da fantasia costuma entregar o comichão necessário à excitação túrgida. A sensação de domínio conferida pelo olhar lançado ao corpo alheio é muitas vezes transposta para a fantasia de dominação, onde o objeto que lhe causa desejo é o mesmo que lhe é rebaixado perversamente.

A frase de Lacan<sup>2</sup> do Seminário Ou pior...: “a ambigüidade que há na relação do corpo com ele mesmo, é o gozar” traduz exatamente todas as contorções realizadas por um homem frente a um corpo que, na adolescência, fura incessantemente a crença de que um o possui. Seja pela defesa da fantasia, seja pela invenção-escabelo, a menção ao surfe continua a ecoar. Um corpo erguido sobre uma fina banquetta lançada ao confronto com as surpresas de um mar que não detém, mas que lhe faz usu-surfar.

2 LACAN, J. O desejo de dormir. In: O Seminário Livro 19: ...ou pior. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 2012, p. 209.